

BELO E SUBLIME NA PERSPECTIVA DA OBRA CRÍTICA DO JUÍZO ESTÉTICO EM IMMANUEL KANT

*Kesia Mariana da Cunha
**Alcemir Pinheiro Ribeiro

RESUMO

O presente artigo científico apresenta a relação existente entre o Belo e o Sublime, procurando entender o sentimento de prazer ou desprazer, constatando a contribuição dessa qualidade no homem de forma geral. Pensar nos mesmos, levando em consideração a crítica do juízo de Immanuel Kant, é sair da zona de conforto, sobre o que realmente se tem a entender destes conceitos. Para Kant, o belo vai muito além do conceito empírico, tradicional ou pessoal, pois não está ligado apenas a beleza, ou a algo bonito; e sim na verdade na imaginação, liberdade e ao conhecimento, acontecendo por meio de uma singularidade, desinteresse, não inclinação pessoal, de forma atrativa. Já no sublime, há comoção, ausência de superficialidade, intensidade, o que o torna imensurável, profundo, ultrapassa o ser humano em poder, extensão, força, elevando-os e comovendo-os desde os sentimentos, até mesmo nas reflexões, mostrando a leviandade humana e suas limitações. Essa dicotomia acentua a particularidade na essência humana, e contribui para que ele seja conhecido através das respostas de determinados questionamentos e os inclui num mundo infinito de conhecimento, evidenciando a importância da arte como forma de expressão e parte significativa das afecções do espírito. Sendo o juízo de gosto uma delas, fazendo-a pertencer, não só a um homem ou grupo específico de indivíduos, mas sim algo que está presente em todos os seres humanos indistintamente. O trabalho, baseia-se de cunho bibliográfico, descritivo e qualitativo, onde foram analisadas obras de Immanuel Kant, principalmente a Crítica do Juízo.

Palavras-chave: Belo; Sublime; Perspectiva; Juízo estético.

ABSTRACT

The present scientific article presents the connection between the Beauty and the Sublime, trying to understand the feeling of pleasure or displeasure, verifying the contribution of this quality about the men in a general form. Thinking about them, taking into consideration the criticism of Immanuel Kant's judgment, it's getting out of the comfort zone, about what really has to be understood on these concepts. For Kant, beauty goes much farther than the empirical, traditional or personal concept, because it's not only connected with beauty, or something beautiful; but in truth, in imagination, freedom and knowledge, happening through a singularity disinterest, not personal inclination, in an attractive way. But in the sublime, there is commotion, absence of superficiality, intensity, which makes it immeasurable, profound, surpasses the human being in power, extension, force, commoving them even the feelings, even in the reflections, showing the human levity and its limitations. This dichotomy accentuates in the particularity of the human essence, and contributes for being known through the answers of certain questions and includes them in an infinite world of knowledge, evidencing the importance of art as a form of expression and a significant part of the affections of the spirit. Being the judgment of taste one of them, making it to belong, not only to a specific man or group of individuals, but something that is present in all human beings indistinctly. The work is based on a bibliographical, descriptive and qualitative character, where Immanuel Kant's works, mainly the Critique of Judgment, were analyzed.

Keywords: Beauty; Sublime; Perspective; Aesthetic judgment.

*Késia Mariana da Cunha Graduada em Licenciatura em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas – Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: kesiamaribatera@hotmail.com.br

**Alcemir Pinheiro Ribeiro Bacharel em Teologia. Mestre em Filosofia e Doutorado em Filosofia – UBLA
E-mail: alcemir.pinheiro@ueg.br

1 INTRODUÇÃO

O artigo evidencia a relação existente entre belo e sublime na crítica do Juízo Estético em Immanuel Kant, e constata a sua contribuição nas qualidades dessa dicotomia no homem geral, entendendo os objetivos dos mesmos no comportamento humano e seus sentimentos de prazer ou desprazer.

Kant dialoga sobre a capacidade de julgar que é inerente a todos, e como essa faz parte do processo de conhecimento, estando sempre em formulações de juízos. Um deles, é o juízo de gosto, no qual se propõe uma comunicação universal subjetiva, não mediatizada por conceitos, sem explicações ou esclarecimentos lógicos a respeito; partilhando o estado que o acompanha, o chamado ânimo.

Por isso, ao contemplar um objeto e achar beleza nele, não pode-se dizer que este é belo, só por tê-lo contemplado, mas por um sentimento subjetivo, que só se efetiva, como uma formação ideal, neste juízo do gosto, se o prazer sentido nesta contemplação, não vir somente de mim, mas também de outras pessoas que julgarem de forma livre, sem inclinações pessoais.

Assim, investiga a estética Kantiana, mais especificamente no que se refere a questão do belo, por entender que este está ligado diretamente a presença do sublime na arte e na vida do ser. O que leva assinalar a importância da experiência estética, acentuando a significância da arte não apenas como uma forma de expressão, como algo que serviria como meio de declaração da subjetividade humana, mas como parte significativa dos estados de espírito. Sendo o juízo de gosto, uma delas, o qual não é especificamente de um grupo específico, mas que está presente em todos os seres humanos.

Para o autor, o belo vai muito além do conceito empírico, pois é desprendido da razão, não está ligado apenas a beleza, ou a algo bonito; e sim na verdade na imaginação, liberdade e ao conhecimento, a sensação de prazer ou desprazer ao visualizar um objeto, o que nos leva a um juízo de gosto próprio de cada ser humano. O que reflete sobre o ajuizamento a respeito do que é representado; pois o mesmo, só pode ser considerado realmente como belo, quando há um total desinteresse ou inclinação individual sobre o que está julgando.

Já no sublime, está correlacionado a imaginação e a razão. O mesmo, enleva, ultrapassando qualquer força, poder e extensão, tornando-se imensurável. Interligado a uma comoção violenta, que causa sentimentos intensos, fazendo com que o homem reflita sobre suas visões acerca da vida. Ele é a mediação entre a sensível e o suprassensível, mostrando ao homem sua liberdade cosmológica. Na arte, é o efeito máximo almejado pelo artista, por levá-lo a recriar visões, perspectivas a respeito do mundo.

2 EMBASAMENTOS TEÓRICOS

Immanuel Kant foi um filósofo alemão, que fundou a chamada “Filosofia Crítica”. Conhecido por ser um homem de saúde frágil e metódico; não se casou, nem teve filhos. Nasceu em 22 de abril de 1724, em Königsberg, na Prússia Oriental. Filho de artesão, era o quarto de nove filhos. Aos 16 anos, ingressou na Universidade de Königsberg, estudou filosofia e despertou interesse pela ciência natural. Após a morte de seu pai em 1746, o mesmo viu-se obrigado a deixá-la e passou a ajudar no sustento da família, dando aulas particulares.

Sua primeira obra filosófica “Pensamento Sobre o Verdadeiro Valor das Forças Vivas”. Em 1754, retornou a universidade e terminou os estudos, sendo nomeado professor universitário, depois de concluir seu doutorado. Ensinou Filosofia Moral, Lógica e Metafísica. Passou toda a sua vida em sua pequena cidade natal. Faleceu em Königsberg, no dia 12 de fevereiro de 1804.

2.1 O BELO NA ESTÉTICA KANTIANA

O belo, está ligado a duas faculdades: da imaginação e do entendimento, é livre, e não se enquadra em nenhuma conceituação limitada a seu respeito, pois o mesmo se efetiva de medidas diferentes em cada ser humano. É também, uma qualidade que atribuímos aos objetos para exprimir um estado subjetivo, numa forma de sentir prazer, não conseguindo definí-la com exatidão, diante da obra de arte por exemplo, que esteja sendo expresso. A estética Kantiana não está associado a uma concepção de bom ou ruim, mas a qualidade, pois a palavra estética aqui, é também vista desta maneira, acontecendo quando há um desinteresse a respeito. É nela que o belo é estudado de forma racional, assim como o sentimento de beleza (ou feiura) que provoca nos seres humanos.

2.2 O JUÍZO DE GOSTO É ESTÉTICO

O ajuizamento faz parte da faculdade humana, que sempre está em formulação e desenvolvimento, sendo assim inacabado. Há juízos que desenvolvem o conhecimento, e estes são baseados em experiências, sejam elas pessoais ou passadas de pai para filho, formulados por meio de argumentos, explicações e outros são reflexivos, apreciativos e acabam por não alargar-se, estando ligados a imaginação, sendo expresso por meio da sensação.

Ao que o Kant diz:

Para distinguir se algo é belo ou não, referimos a representação, não pelo entendimento ao objeto em vista do conhecimento, mas pela faculdade da imaginação (talvez ligada ao entendimento) ao sujeito e ao seu sentimento de prazer ou desprazer (Página 25).

Então, para que um objeto seja distinguido como belo, a atenção não está voltada para o entendimento que se tem em sua representação, mas sim na imaginação e sentimento de prazer ou desprazer frente a ele. A referência que se faz do mesmo, pode sim ser objetiva, no que é representado. Porém com relação ao sentimento não pode, pois é atingido pela sensação.

O juízo de gosto segundo Kant, não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte não é lógico e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação não pode ser senão subjetivo. Podemos perceber que o mesmo é subjetivo, pois não há uma determinação conceitual fechada a seu respeito, o julgamento está em aprovar ou desaprovar o objeto de representação, e assim através das sensações incomunicáveis pode-se ter a partilha do gosto em ajuizamento, definindo-se o acaso.

É na capacidade de comunicação universal do estado que se encontra na própria mente do ser humano, diante da representação, numa condição subjetiva do juízo de gosto, que se terá uma consequência de sentimentos. Pois, o objeto em sí, encerra-a, no que depende ao indivíduo como será afetado pela obra de arte por exemplo, que resultará numa sensação que poderá causar a ele prazer ou desprazer.

Este é livre, e é efetuado de maneira desinteressada, sem regras previstas; um exemplo, o artista cria uma obra única, que não pode ser repetida na sua essência, pois a forma com que a criou é singular e particular, aqui forma o pensamento estético, sendo desprovido de previsibilidade, pois modifica-se de acordo com a escolha do homem. Dessa maneira, o juízo de gosto não tem como finalidade a comparação de determinado objeto com outro conceito, mas compartilhar do estado de ânimo que sente-se ao ter contato com determinada representação, livre de explicações com argumentos ou esclarecimentos baseados em conceitos lógicos.

Ao que Kant diz que a experiência estética é um acontecimento não corriqueiro, no que o mesmo exemplifica, o pôr do sol pode ser contemplado de maneiras diferentes, afinal, dependerá de quem o observa. Ora, um cientista certamente não o verá da mesma forma que um casal de namorados. Um verá por um olhar científico, e o outro romântico, apaixonado.

3 O BELO REPRESENTADO COMO OBJETO DE UMA COMPLACÊNCIA UNIVERSAL

Sabe-se que ele não está relacionado a nenhuma conceituação que possa impor limites em si, sendo representado como objeto de uma complacência universal. Segundo o autor, chama-se interesse o que ligamos à representação da existência de um objeto. Percebe-se então, que a questão de julgar algo como belo, desatrela-se de enxergar a verdadeira importância de sua existência, e sim como é o ajuizamento na contemplação, do que faço com ele em mim, do meu interesse nele.

Kant diz:

Pois aquilo, a respeito de cuja complacência alguém é consciente de que ela é nele próprio independente de todo interesse, isso ele não pode ajuizar de outro modo. senão de que tenha de conter um fundamento da complacência para qualquer um. Pois, visto que não se funda sobre qualquer inclinação do sujeito (nem sobre qualquer outro interesse deliberado), mas, visto que o julgante sente-se inteiramente livre com respeito à complacência que ele dedica ao objeto; assim, ele não pode descobrir nenhuma condição privada como fundamento da complacência à qual, unicamente, seu sujeito se afeiçoasse, e por isso tem que considerá-lo como fundado naquilo que ele também pode pressupor em todo outro; consequentemente, ele tem de crer que possui razão para pretender de qualquer um uma complacência semelhante. (Página 30).

Assim, alguém estando consciente de seu desinteresse e independência com relação ao objeto, não pode julgá-lo de outro modo. Pois não vem de sua opinião pessoal, mas da liberdade de qualquer interesse que ele poderia ter. Não fundamentando-se pelo que lhe afeiçoa, mas sabendo no que pode ocorrer complacência semelhante, de um sujeito para outro.

A mesma no belo tem que depender da reflexão sobre um objeto, que conduz a um conceito qualquer (sem determinar qual), desta maneira distingue-se do agradável, que é o que apraz ao sentido na sensação, causa deleite, expressa um interesse nele, porém de forma mais imediata. No bom, o mesmo é duradouro pelo fato de que satisfaz mediante a razão.

Temos em comum o interesse na complacência que remete-nos a um juízo, que lhe é o contrário. O gosto, pelo qual o autor diz ser a faculdade de um julgamento do objeto ou do modo de representação mediante a uma satisfação ou insatisfação independente de todo interesse. O objeto de tal contentamento chama-se belo.

Por mais que este seja livre de interesse, assim como no juízo do gosto, a mesma com dito anteriormente, é atrelada a um interesse e é vista neste juízo somente como subjetiva. É exatamente neste juízo, que torna universalmente comunicável, o sentimento. Ainda que as sensações sejam incomunicáveis, há a subjetividade, que faz com que nele, seja possível haver uma partilha de forma subjetiva.

Assim, o agradável, o belo e o bom designam três relações de representação dos sentimentos de prazer ou desprazer. Kant (2005) agradável chama-se para alguém aquilo que o deleita; belo, aquilo que meramente o apraz; bom, aquilo que é estimado, aprovado isto é, onde é posto por ele um valor objetivo. Pode-se então, pensar nas relações interpessoais humanas, o autor utiliza um exemplo em seu livro “Crítica da faculdade do juízo”, de 2005, quando alguém o pergunta se acha um palácio belo, ele diz que não gosta deste tipo de edifício, que seriam feitos somente para impressionar, e que uma simples cabana confortável, já lhe seria o suficiente.

Para ele quer-se saber somente se esta simples representação do objeto em mim é acompanhada de complacência, por indiferente que sempre eu possa ser com respeito à existência do objeto desta representação. Percebe-se então, que se refere ao que faço da representação em

mim, mesmo que não simpatize minimamente com o mesmo, tem de se agir de forma indiferente em gosto, para que possa agir como juiz.

4 A RELAÇÃO CONCEITUAL DO BELO E DO SUBLIME UMA REPRESENTAÇÃO DE GÊNEROS

Belo e Sublime dialogam, até mesmo nas representações de gêneros. Estão ligados a natureza; um é visto de maneira mais superficial e o outro mais profunda; haja vista que tem como ponte entre eles o juízo humano. Levando-os assim, aos diversos tipos de juízos existentes, Kant nos diz que ambos, tem igual entendimento, mas que diferencia-se no que diz respeito a dela ser belo e dele ser profundo. Além disso, esta dicotomia se encontra no matrimônio, numa única pessoa moral, que deve ter o norte masculino e do feminino, o gosto.

Ao citar a natureza humana, em seu desenvolvimento, logo remete-se ao sexo feminino, por ter sido criado por Deus, para que gerasse; visto também como fonte de sentimentos. A mulher aqui retratada, é relacionada ao belo, por possuir traços mais refinados, cuidar de seus cabelos, da forma como se veste, ser sensível, vaidosa, possuir uma face mais expressiva e atraente; gracejo e ornamentos, visto que desde a infância a busca.

Sendo a imaginação e o entendimento os combustíveis para o belo; no sexo feminino, ambas se fazem presente, à primeira baseada na segunda, não se voltando tanto a razão em si, mas ao entendimento daquela emoção sentida através da imaginação. Pois ela, sempre tende a ser mais emotiva, expressando seus sentimentos, seja de amor, alegria, tristeza. Ao vê-lo como sublime, é possível observar que ambos têm independência frente à natureza, superioridade diante dela. Além disso, remete-se à imaginação e à razão, pois o homem tende a levar a razão à frente de suas emoções.

Em certo ponto na limitação do que se idealiza, o homem, recorre ao raciocínio, que independe de sentimentos e da natureza. E este não se deixa levar pelos entusiasmos de forma superficial; aqui, é levado por abalos mais profundos, que conversam com o intelecto, até chegar ao ponto que o ultrapassa como no sublime. O homem é visto como sexo nobre, autoconfiante, benevolente e respeitoso; que está sempre com a barba a fazer, mas com pensamentos altos.

5 A REPRESENTAÇÃO DOS ASPECTOS MORAIS ATRAVÉS DOS SENTIMENTOS DO BELO E DO SUBLIME

A moral é originada do latim *moralis*, deriva de *mos*, que significa costumes, modo de agir, e atualmente é definido por muitos como comportamentos adequados que alguém tem em uma sociedade. A mesma é relativa, pois sua definição pode mudar de uma pessoa para outra. Além disso, é também mutável. Pois o que pode ser moralmente bom para um, pode não ser para outro e vice-versa; dependerá muito do ambiente em que se cresceu.

No livro “Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime – Ensaio sobre as doenças mentais” de Immanuel Kant, o mesmo fala a respeito das satisfações humanas, de como o homem se sente feliz na medida em que as realiza, satisfazendo assim, uma inclinação, e de como são particulares para cada um, pois se faz de forma individual.

Como os exemplos que o mesmo utiliza, de um homem que ama a leitura por ela lhe induzir- lhe ao sono; do cozinheiro que encontra em sua própria adega gracejos; do negociante; do amante da caça. Todos têm sentimentos que os causa contentamento. Porém, há um que faz o indivíduo apto a gozar de diversas satisfações, podendo ser desfrutado de uma maneira mais demorada sem saciedade e esgotamento, por vir por meio de uma sensibilidade da alma, sentimento refinado, definidos em belo e sublime. A comoção acontece de maneira diferente em ambos, mas mesmo assim, é agradável.

5.1 O CARÁCTER DO BELO

Desperta um sentimento alegre, ao observarmos uma paisagem com uma campina florida, vales com riachos tortuosos, rebanhos, o colorido do tapete de flores, o verde das pequenas árvores; tudo isso estimula. Assim como o dia, ao resplandecer causando um sentimento de jovialidade a quem acaba de despertar.

A expressão facial de quem os experimenta, é de brilho nos olhos, sorrisos, entusiasmo. Por isso, o amor é visto por muitos como belo. Pois nele, pode-se perceber em quem os sente, as características citadas acima; além da intimidade e do gracejo. Mas suas particularidades não acabam por aqui.

O belo ainda pode ser ornado ou amaneirado. Como Kant nos diz que os sentimentos também se aplicam as diversas condições, como é preciso que as roupas correspondam também aos diferentes sentimentos, vestimentas, aparência, como no caso de pessoas pequenas que podem se vestir de modo enfeitado e adornado, e que conquistam intimidade; a juventude que brilha em peças de vestuários de cores mais vivas.

Neste carácter até mesmo as amizades escolhidas tem suas especificidades, pois quem tende para ele, costumam procurar amigos que sejam gentis, graciosos para se distraírem; e aqueles constantes, sérios, somente quando estão necessitados. O que leva-nos a citar outras características dele, como a astúcia, cortesia e engenho.

A comédia por sua representação de intrigas mesmo sutis, das confusões muitas vezes bizarras, envolvendo tipos criativos que sabem dela desprender-se, com situações divertidas, repleta de risos, nas quais se deixam ludibriar. Na qual o amor aparece de uma maneira confiante, jovem e também contente.

Kant ainda dialoga a respeito dos quatro tipos de temperamento humano sendo eles: sanguíneo, colérico, melancólico e fleumático. Ele considera o sanguíneo, como proveniente do sentimento do belo, por algumas características como amar mudanças, a diversidade, se deixar levar pelas emoções, satisfações engraças e intensas, sem preocupar-se com seriedade, dependendo das impressões momentâneas que são produzidas nele, pelas sensações; sendo generoso; com amizades que mudam conforme as circunstâncias.

5.2 O CARÁCTER DO SUBLIME

É comovente, duradouro, tem a necessidade de ser sempre grande e desperta uma satisfação, mas com assombro, como a noite. Ao ver-se grandes paisagens como cordilheiras, as quais os seus topos ultrapassam as nuvens, uma tempestade furiosa, sombras isoladas e grandes árvores.

No livro “Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime – Ensaio sobre as doenças mentais”, Kant nos dá um exemplo de ao se ver uma noite de verão, com a luz das estrelas rompendo a escuridão da noite, onde habita uma solitária lua, almas que tem o sentimento do sublime, são pouco a pouco despertadas a este sentimento alto, a eternidade. A expressão facial de quem o experimenta, é séria, perplexa, podendo chegar a ser rígida. Ele tem sua representação na grandeza do universo, na imortalidade da alma, na metafísica, indo além do físico. O sublime tem seu sentimento dividido de três maneiras: terrível (assombro ou melancolia); nobre (calma admiração) e magnífico (beleza que atinge uma dimensão sublime).

A solidão, depressão, a representação que se tem do inferno, são exemplos de sublimes terríveis, relacionando-se, pois o próprio inferno remete a solidão, além disso a depressão é caracterizada por muitos como um sofrimento infernal, assombroso. Uma altura elevada causa admiração, sendo assim um sublime nobre. Um exemplo do magnífico, utilizado pelo autor, é a igreja de São Pedro em Roma, com todo seu ouro e mosaicos. É simples, assim como no belo o autor nos diz com relação a vestimentas, aparência e remete-nos a idade, aqui, não é diferente. Ao citar as pessoas altas, as quais precisam ater-se a simplicidade, solenidade e que conquistam consideração e respeito. Aos idosos, que usam trajes de cores mais sóbrias e uniformes.

A ousadia é vista como característica do sublime, assim também como a tragédia, a qual mostra um sacrifício por um destino alheio; com destemida resolução diante do perigo, de ilimitada lealdade, em que o amor é visto de maneira melancólica, terna e respeitosa. Faz com que o telespectador sinta pesar.

Ao que Kant fala a respeito dos quatro tipos de temperamento humano. No sublime, relaciona ao melancólico pela teimosia, liberdade, constância por ver a mudança com desdenho; firmeza, sinceridade, priva-se de alegrias passageiras, sendo despertado por princípios que o seja superior; sendo amante do próprio julgamento e dos outros.

Relaciona-se também ao colérico que por sua vez, considera o valor, aparência que pode servir até mesmo como forma para ocultar sua subjetividade, mostrando-a de maneira contrastante; comportamento artificial. Ao temperamento fleumático, não há associação da dicotomia belo e sublime, pois segundo Immanuel, o mesmo não apresenta nenhum dos dois de forma intensa, há certa instabilidade.

6 A INTER-RELAÇÃO DO BELO, SUBLIME E A MORAL NA PERSPECTIVA CRÍTICA DE KANT

Para Kant (1781), “Qualquer que seja o modo de como um conhecimento possa relacionar-se com os objetos, aquele em que essa relação é imediata e que serve de meio a todo pensamento chama-se intuição”. A mesma, serve como prova da realidade de conceitos. Se tratando dos empíricos, transmitidos de geração a geração, e por meio da sensação, são denominadas como exemplos; quando de entendimentos puros, são chamados esquemas.

Kant (2005), diz:

Toda hipotipose enquanto sensificação é dupla: ou esquemática, em cujo caso a intuição correspondente a um conceito que o entendimento capta é dada a priori; ou simbólica, em cujo caso é submetida a um conceito, que somente a razão pode pensar e ao qual nenhuma intuição sensível pode ser adequada, uma intuição tal que o procedimento da faculdade do juízo é mediante ela simplesmente analógico ao que ela observa no esquematismo, isto é, concorda com ele simplesmente segundo a regra deste procedimento e não da própria intuição, por conseguinte simplesmente segundo a forma da reflexão, não do conteúdo.(Página 123).

Pode-se dividi-las em duas na sensificação: esquemática ou simbólica. No primeiro caso, a intuição tem a priori como estabelecida, encontrando-se no espírito, com entendimentos puros e no segundo estabelece-se pela razão, deixando a intuição sensível não mais ajustada, tendo já um conceito a se submeter. Tanto a sensibilidade como a intuição, como o entendimento fazem parte do processo até que se chegue a um conceito.

Ao que Kant (2005), se refere:

Todas as intuições que submetemos a conceitos a priori são ou esquemas ou símbolos, dos quais os primeiros contêm apresentações diretas, e os segundos apresentações indiretas do conceito. Os primeiros fazem isto demonstrativamente e os segundos mediante uma analogia (para a qual nos servimos também de intuições empíricas), na qual a faculdade do juízo cumpre uma dupla função: primeiro de aplicar o conceito ao objeto de uma intuição sensível e então, segundo, de aplicar a simples regra da reflexão sobre aquela intuição a um objeto totalmente diverso, do qual o primeiro é somente o símbolo” (Página 123).

Desta maneira, o intuitivo se representa dos dois modos, sendo eles esquemas e símbolos. Há uma diferenciação entre eles pois respectivamente, tem uma apresentação direta de forma demonstrativa dos conceitos e o outro tem apresentação indireta, por meio de analogia. É através da analogia que para Kant seria a condução a uma reflexão acerca do objeto do que se intui para um conceito; que o belo, é dito como moralmente bom, considerado como aquele que apraz, independente de interesse, tendo a liberdade na imaginação. Quando muitos o remetem a objetos da natureza ou mesmo da arte; atributos que parecem vir de um ajuizamento moral, devido as sensações suscitadas.

Já o sublime na moralidade, diz da elevação, da grandiosidade da alma, ao aspecto cultural, por estimulá-lo a desenvolver seus princípios morais, transmitindo engrandecimento da alma; porém se permanecer inculto, sua alma não será engrandecida e o que vê lhe oferecerá temor e mais nada.

7 DISCUSSÕES TEÓRICA

Immanuel Kant, conceitua de acordo com sua estética, o que seria o belo e o sublime, suas diferenças, intensidades e particularidades. O que dialoga com uma obra clássica de Platão chamada *Fédon (a imortalidade da alma)*; no qual Fédon, seu discípulo, narra a ele um diálogo entre filósofos e Sócrates, antes de sua morte. Nela, é possível vermos a presença da dicotomia do amor e belo (na imortalidade da alma). Esta obra, foi desenvolvida muito antes dos estudos feitos pelo autor do qual baseio-me neste artigo.

Como já vimos, para Kant o belo está desprendido de qualquer conceito que possa determiná-lo, estando ligado à imaginação, liberdade, tendo um desinteresse no objeto de conhecimento, ausência de inclinação pessoal, ao mesmo tempo sendo atrativo. Estando ligado a jovialidade. O que leva-nos a conceituação feita por Sócrates, de que o belo é belo em si e que para ser assim considerado, tem de ser participante do mesmo. Como dito:

E se, para justificar a beleza de alguma coisa, alguém me falar de sua cor brilhante, ou da forma, ou do que quer que seja, deixo tudo o mais de lado, que só contribui para atrapalhar-me, e me ateno única e simplesmente, talvez mesmo com uma boa dose de ingenuidade, ao meu ponto de vista, a saber, que nada mais a deixa bela senão tão só a presença ou comunicação daquela beleza em si, qualquer que seja o meio ou caminho de se lhe acrescentar. De tudo o mais não faço grande cabedal; o que digo é que é pela beleza em si que as coisas belas são belas. (Página 44).

Para ele também está ligado a imortalidade da alma, o mesmo fala de como este momento de morte é almejado e precioso, principalmente para os filósofos, pois não seria o fim, mas sim uma volta ao que se era antes de estar vivo. Não vendo-a como um momento de encontrar amores humanos que se perderam, mas como a chance de se encontrar com a verdade.

Estando, na essência e beleza divina, numa ideia inteligível na qual se faz relação entre o amor e a sabedoria; para aprendê-lo faz-se necessário uma purificação do pensamento sem a qual, não se faria de forma autêntica. Desprendendo-se do corpo visível e partindo para o invisível, para onde a natureza humana é pura, bela em sua essência, igualmente boa, liberta de prazeres humanos, das corrupções de seus desejos.

Pois são eles que a corrompe e faz com que a mesma se transforme, querendo estar apegada ao visível, ao corpo, aos luxos, vestimentas, bens. Sendo que esta hora, deveria ser a mais esperada visto que a alma volta ao seu lugar de origem. Ao que ele diz ter sentido não ser assim tão esperada, visto que a mesma é imortal, por isso não aceita a morte.

Assim o relaciona a representação na arte, pois a mesma seria o retrato do que o homem aprendeu na divindade, coisas pelas quais não se faria, ou conhecimentos que não teria anteriormente se estivesse olhando apenas para o visível, coisas terrenas; por isso traz o deslumbre frente a beleza, pois ela viria desde de esse plano invisível, conhecimento recordado.

Em Sócrates, o amor faz com que o homem se aproxime tanto da essência divina, como da essência do belo, levando-o a refletir a respeito deles. Indo além da razão pois quando se está apaixonado, é capaz de se fazer loucuras. Como é dito que a paixão é o maior de todos os males. O que nos remete ao sublime, ao fazer com que o homem chegue a um certo ponto em que se vai além dos seus pensamentos. Assim como no sublime terrível há melancolia ou assombro, no fim do amor pode-se chegar a esta mesma solidão, depressão; e assim como no nobre, há nele admiração.

Pois uma pessoa apaixonada, acaba mudando sua maneira de agir, deixando-se contaminar pelas vaidades humanas. Tanto o amor, como belo, como sublime são participantes da essência humana. E acabam por encontrar-se a certo ponto. Em Kant dualismo belo e amor estão relacionados, e Platão vê como puro, imortal, pode-se deixar contaminar pelas experiências ruins que adquirira-se ao longo da vida, fazendo com que as levem consigo para além, no amor, e sendo assim no sublime.

8 MATERIAIS E MÉTODOS

Para realização deste artigo, houve uma pesquisa de cunho bibliográfico, descritivo no qual utilizou-se o método qualitativo numa abordagem da obra crítica da razão pura que aborda alguns tipos de conhecimento e juízos estéticos; as observações sobre os sentimentos do belo e do sublime – ensaio sobre as doenças mentais; crítica da faculdade do juízo e leituras a partir de artigos científicos já publicados. Além do livro Fédon – a imortalidade da alma, de Platão. Visando ao aprofundamento da matéria em questão.

O objeto de estudo, veio do desejo de conhecer como segundo o filósofo Immanuel Kant, o conhecimento é construído, desenvolvido, de que forma os sentimentos de prazer ou desprazer do sujeito diante da representação do objeto, pode o afetar, de que maneira a dicotomia: belo e sublime se faz presente em nós, em nosso dia- a- dia, juntamente com o ajuizamento que nos é inerente.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo no qual foi desenvolvido com a temática, Belo e Sublime na perspectiva da obra crítica do juízo estético em Immanuel Kant, é de grande relevância, por tratar-se de uma reflexão a respeito dos juízos humanos, sejam eles reflexivos, apreciativos ou de conhecimento. A saber que, o autor busca compreender a gênese deste conhecimento, relacionando tanto o particular na forma em que se vê, como no universal, quando há partilha de gosto; envolvendo também a dicotomia entre sujeito e objeto.

Desde a antiguidade, estudos vem sendo feitos para que o homem conheça melhor a si mesmo, e por consequência, o próximo como semelhante. Assim, refletindo a respeito de perguntas existenciais humanas, no qual se busca sempre a instrução além do físico, não sendo direcionado somente a ele, mas também ao intelectual.

Na busca por estas respostas, muitos surpreenderam-se por chegarem a certo ponto de suas dúvidas, e descobriram que existem questões que só serão resolvidas, somente pensando em algo além das condições humanas. De uma simples indagação, soluções superficiais podem surgir, mas a certo ponto serão findadas, indo além. No que representa-se novamente o belo e o sublime.

Contribuindo não somente ao seu intelectual, mas também na demonstração da importância de ilustrar a experiência estética, vendo a arte não somente como uma forma de expressão, mas também como parte do interior dele, a qual manifesta o que o mesmo pode estar sentindo, assim como na própria natureza.

É importante que se estude o ser, em seu interior, as manifestações de seus sentimentos sejam de prazer ou desprazer frente ao que se conhece. Pois em suas superficialidades ou profundezas, meditar sobre os diversos conceitos, preceitos, é de fundamental interesse por fazer parte da construção e desdobramento da sabedoria humana.

10 CONCLUSÕES

Conclui-se que o ajuizamento faz parte do processo de construção e desenvolvimento do conhecimento humano, assim como o belo e o sublime. Cada um com sua peculiar importância. Do qual está dicotomia se faz presente, tanto em Immanuel Kant, como na obra de Platão, como amor e o belo. Seja na visão de um filósofo ou de outro, ambas fazem parte do íntimo do ser. Tanto a arte e quanto a própria natureza tem seus papéis nessas representações as quais fazem com que os objetos sejam pelos sujeitos conhecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDEITE, Eleine. **Sobre o belo, o sublime e o gênio**. Florianópolis.2008

DAMASCENO, Julie Christie. **A estética Kantiana: o belo, o sublime e a arte**. Porto Alegre.2015

KANT, Immanuel. **Observações sobre o sentimento do Belo e do Sublime – Ensaio sobre as doenças mentais**. Editora Papyrus.1993

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Editora Forense Universitária. 2005

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Edição Acrópolis. 1781

PLATÃO. **Fédon (a imortalidade da alma)**. Editora Edipro. 2012

SANTOS, Rone e. **Sobre o lugar do juízo de gosto na estética Kantiana**. São João Del Rei.2008

CÂMPUS POSSE - GOIÁS

**COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS**

FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA

Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento

() Projeto de Pesquisa

(X) Artigo

Declaro que a acadêmica, **Késia Mariana da Cunha** realizou, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada do Artigo Científico, estando apto a depositá-lo, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

(X) Concluída e finalizada (redigida e digitada).

() Em fase de conclusão (indicar o que está faltando).

() Em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).


() Realizou o Artigo passo a passo, conforme a orientação do orientador.

() Não realizou o Artigo passo a passo, conforme a orientação do orientador.

() Trouxe o Artigo finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

Posse (GO) 19 de Novembro de 2018.


Orientador

CÂMPUS POSSE - GOIÁS

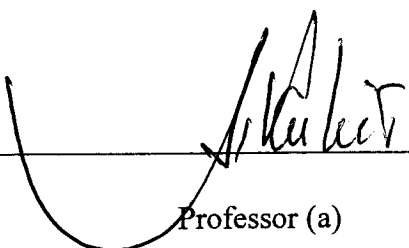
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA

Eu, Alcemir Pinheiro Ribeiro, professor de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa do Artigo, Curso de Letras Português/Inglês do (a) acadêmico (a) Késia Mariana da Cunha, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse (GO), 19 de novembro de 2018.



Professor (a)

Professor: Alcemir Pinheiro Ribeiro

Endereço: Rua Dr. Antônio Marcos Gouveia. Nº 660, Centro

Cel.: (62) 99653-9016



CÂMPUS POSSE - GOIÁS

COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

DECLARAÇÃO DE DISCENTE

Declaro para fins documentais que o meu Artigo científico apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês do Câmpus Posse (GO), - Universidade Estadual de Goiás-UEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina Trabalho de Curso II.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse (GO), 19. de novembro de 2018.

Kesia Mariana da Cunha

Acadêmico (a)